

CO-025 - (1JDP-9921) - COVID-19: 130 DIAS, 134 CASOS EM IDADE PEDIÁTRICA

Carolina Castro¹; Clara Picão De Carvalho¹; Ana Barbosa Rodrigues¹; Cristina Lorenzo¹; Rafael Pereira Inácio¹; Isabel Sampaio Graça^{1,2}; Filipa Prata^{1,3}; Ana Mouzinho^{1,3}; Sara Pinto^{1,3}; José Gonçalo Marques^{1,3,4}

1 - Unidade de Infecciologia e Imunodeficiências, Departamento de Pediatria, Hospital de Santa Maria, Centro Hospitalar Lisboa Norte. Lisboa. Portugal; 2 - Serviço de Cardiologia Pediátrica, Hospital de Santa Cruz, Centro Hospitalar Lisboa Ocidental. Oeiras. Portugal; 3 - Clínica Universitária de Pediatria. Faculdade de Medicina. Universidade de Lisboa. Lisboa. Portugal; 4 - Instituto de Medicina Molecular. Faculdade de Medicina. Universidade de Lisboa. Lisboa. Portugal

Introdução e Objectivos

O nosso centro hospitalar foi ativado para referência de doentes com infeção SARS-CoV-2 a 11-03-2020. O objetivo deste trabalho é descrever a experiência do Departamento de Pediatria (DdP) na abordagem e evolução clínica de crianças infetadas.

Metodologia

Realizámos um estudo observacional descritivo. Incluímos crianças e adolescentes com infeção por SARS-CoV-2 diagnosticados na urgência e internamento do DdP entre 11-03 e 17-07-2020. Consultámos registos internos e a plataforma *Trace COVID-19* e contactámos os cuidadores para avaliação de seguimento.

Resultados

De 134 crianças diagnosticadas, 80% tiveram contacto prévio identificado com doente infetado. A febre estava presente em 42% e 46% tiveram sintomas respiratórios; 11% apresentavam fatores de risco; 22% tinham idade <1 ano. Foram internadas 11% das crianças, uma em cuidados intensivos com Síndrome Inflamatória Multissistémica. Foi efetuada avaliação laboratorial em 10%, radiografia torácica em 5%. Nenhum recebeu suporte ventilatório, terapêutica antiviral ou realizou TC-torácica. Foram reobservadas em serviço de urgência 9% das crianças, sendo internadas duas. A evolução foi conhecida em 130 casos sendo favorável em todos.

Conclusões

A maioria dos doentes tinha *link* epidemiológico e pouca repercussão clínica, mesmo no primeiro ano de vida. A menor gravidade esperada na criança motivou a adoção de critérios habituais noutros quadros clínicos semelhantes para realização de exames complementares de diagnóstico e internamento hospitalar. Não foi administrada terapêutica antiviral em nenhum doente por se considerar haver pouca evidência de benefício.

Esta estratégia traduziu-se num baixo consumo de recursos hospitalares e revelou-se segura nesta série.

Palavras-chave : SARS-CoV-2, COVID-19, crianças, exames, internamento, terapêutica